

## *Leitura e Hermenêutica*

Por Olavo de Carvalho

A melhor maneira de entrar em qualquer assunto é contar um caso. Quando moço, eu dividia um quarto de república com um estudante de Direito. Ele possuía pilhas de livros e passava o tempo todo lendo. Eram obras de assunto imensamente variado e estaria óbvio que na leitura ele empregava o melhor de sua atenção, por horas a fio, mal reparando na minha presença. Um dia, ele subitamente parou a leitura e ficou estático por uns minutos, boquiaberto como quem tivesse acabado de reparar em alguma brutal contradição na estrutura do cosmos; e, quando ele notou que eu o estava olhando, espantado por minha vez com seu espanto, arregalou dois olhos na minha direção e perguntou:

– Você entende o que lê?

Eu era a pessoa mais errada para ele fazer essa pergunta. Até aquela época, fora os livros escolares obrigatórios e algumas revistas em quadrinhos, só havia lido um único livro, que era *Os Sofrimentos de Werther*, de Goethe, e não me passara nem por um minuto pela cabeça a hipótese de não tê-lo compreendido, pois as lágrimas que ele fizera brotar à face do jovem romântico e um tanto desmiolado que eu era então constituíam para mim a prova mais evidente de que aquela coisa tinha algo a ver comigo, e eu não podia – e não posso até hoje – conceber nenhuma forma mais séria de compreender.

A possibilidade de que alguém se dedicasse com tanto afinco a uma coisa que absolutamente não compreendia surgiu naquele instante aos meus olhos como uma imagem viva do inferno. Tive muita pena do meu amigo, mas percebi que a preguiça de ler e uma repugnância inata pelas coisas opacas e incompreensíveis me havia preservado de muitas encrencas.

Talvez não seja um bom cartão de visitas um homem que pretende escrever um livro sobre a arte de compreender os livros confessar logo de cara que até os vinte e poucos anos não havia lido quase nada. Devo declarar em minha defesa que minha pouca leitura não se devia a nenhuma indiferença pelo conhecimento, mas a uma espécie de pressentimento – que recebi da Graça divina – de que o conhecimento não se encontra nas coisas (e livros são coisas), mas na inteligência. E de que a inteligência pode ser preservada pela modéstia e pelo senso das proporções. Um pouco de preguiça de ler e um grande desejo de compreender são o fundamento de um hábito que aos poucos confirmei ser uma regra: ater-se ao essencial. Isto não quer dizer apenas que se deve ler somente os livros essenciais, deprezando os outros, mas também que, ao ler um livro essencial, é necessário buscar nele o essencial, contornando os falsos problemas e as curiosidades vãs.

Ora, o essencial, que se pode encontrar num livro, ou em qualquer outra coisa, é a verdade. Deve-se ler um livro única e exclusivamente para encontrar e conservar o que ele tenha de verdade. O resto deve ser educadamente esquecido; e, para esquecer, basta um pouco de preguiça.

Junto com a preguiça de ler, fui brindado pela Providência com o mais total desinteresse por todos os assuntos que não dissessem respeito – de modo suficientemente direto e eloquente para sacudir-me da letargia – à única questão que realmente importa: a finalidade última da existência humana. Mais ainda, tampouco me interessavam considerações gerais a esse respeito: o que eu queria era uma resposta certa, acompanhada dos devidos meios de realizá-la na prática.

Acho que, no fundo, é isso que todo mundo quer. Mas, para se fazerem de bons meninos na escola, eles fingem que se interessam realmente pelas fórmulas da química ou pelos fatos dos heróis nacionais (de quem, fora das vistas do professor, fazem motivo de piada), e depois o hábito faz com que eles acabem gostando realmente dessas bobagens, e até ganhando algum dinheiro com elas, com o que se esquecem de que um dia haviam desejado encontrar um sentido para a vida.

É claro que interesses parciais e especializados conduzirão a uma seleção parcial e especializada dos livros, e a um entendimento parcial e especializado das leituras.

Por outro lado, também é claro que uma leitura “desinteressada” e “generalista”, que procure escapar à parcialidade refugiando-se num beletismo humanístico e na adoração vagamente idolátrica e boboca da “cultura geral”, também não resolve o nosso problema. A “cultura geral”, tão prezada por alguns críticos do especialismo moderno, não passa de um outro meio de adaptação social, tanto quanto a leitura especializada e “interessada”. É sempre um jeito de se fazer de bom menino.

Ortega y Gasset, que era um homem notavelmente sincero, dizia que todas as idéias não valem nada, exceto as idéias dos naufragos. O homem que estivesse em vias de se afogar não se lembraria de nem uma única palavra das suas leituras especializadas, nem da sua cultura gera. Mas, nesse instante, ele se apegaria à única coisa necessária, e entenderia que o sentido derradeiro de existência é a única coisa verdadeiramente prática.

Assim, não vamos ler como quem busca subir na vida nem como quem busca o prazer ocioso da cultura geral. Vamos ler como quem naufraga e clama por socorro. É o único jeito de encontrar alguma coisa.

Honório Delgado, que leu muito em busca do sentido da vida, dizia que existe a leitura vício, a leitura prazer e a leitura trabalho. Podemos excluir a leitura prazer. Apesar do prestígio atual do conceito de prazer, tenho uma teoria de que o prazer não existe; pelo menos não existe o “prazer em si”. O prazer só existe como apêndice, não como coisa. O fato de que as fontes de prazer difiram tanto quanto as cabeças humanas e de que nem sempre conseguimos obter o mesmo prazer quando voltamos às mesmas coisas prazerosas mostra que o prazer é uma resultante e que, ademais, ele não está nas coisas, mas é uma questão de jeito. Os escolásticos, que quase sempre têm razão, dizem que ele resulta de uma adequação, de uma acomodação, isto é, do acerto momentâneo de uma harmonia entre o gesto e a coisa, a forma e o intuito. Portanto, o prazer em si não é um jeito, já que resulta do jeito. E a leitura que dá prazer deriva de um vício ou de um trabalho.

A palavra “trabalho” também não está bem colocada; ela marca apenas a intensidade do esforço, e não o intuito com que se lê. O homem que, como um palito de fósforo fincado entre as pálpebras para manter o olho aberto, vara noites em tratados de física para passar no vestibular, sem o menor interesse pela física enquanto tal, e o homem que bebe as palavras do Evangelho para acalmar as angústias da sua alma, fazem ambos um “trabalho”, no sentido que lhe dá o filósofo peruano. Diríamos antes que a leitura difere quando um homem lê porque lê, e quando ele lê em busca de alguma coisa; e que esta coisa pode ser importante como fim ou como meio. O homem que lê o Evangelho busca alguma coisa que é uma finalidade em si.

Aqui podem então me perguntar se estou dizendo que só se devem ler livros religiosos, que falam de Deus e do sentido da existência de modo direto e exclusivo. Ora, para mim está claro que a verdade última só se encontra precisamente nos livros religiosos, e que o homem que meditasse continuamente algumas palavras dos *Vedas*, do *Corão* ou dos *Evangelhos* teria empregado muito melhor o seu tempo do que aquele que lesse pilhas de teses universitárias de economia ou de processamento de dados, ou mesmo boas obras de literatura profana. Este ponto é absolutamente indiscutível. As obras sacras provêm da Origem e Centro da realidade. Elas são o essencial do essencial e, em princípio, não seria preciso ler outra coisa.

Mas aí surgem alguns problemas. Primeiro, que as obras sacras são muito difíceis. Se não fosse assim, os Padres da Igreja, os teólogos escolásticos da Cristandade e do Islam, os eruditos vedantinos, os monges budistas e toda uma plêiade de mentes privilegiadas e santas não se teriam dado o trabalho de comentá-las e explicá-las ao longo dos séculos, formando a imensa biblioteca da exegese tradicional e canônica; e todas as religiões do mundo não teriam condenado como fruto do orgulho demoníaco a pretensão de poder dispensar o apoio dessa biblioteca e arriscar “interpretações pessoais” sem nenhum compromisso com o legado da tradição. Com isto, aqueles que acreditariam sentir-se demasiado oprimidos se tivessem de limitar-se à leitura das

obras reveladas por Deus, já podem respirar aliviados: sua biblioteca acaba de ampliar-se em alguns milhões de volumes.

Em segundo lugar, há mais obras sacras do que as pessoas imaginam. Na opinião de alguns teólogos muçulmanos (entre os quais Al-Ghazzali, o mais prestigioso de todos), as obras de Platão e Aristóteles são de origem divina; e, com isto, todos os livros de Plotino, Porfírio, Avicena e (?) prolongaram no tempo a tradição platonico-aristotélica, são elevados à categoria de comentários canônicos. Há também as narrativas míticas dos povos antigos e dos índios, que, no entender deles – e também na perspectiva da unidade transcendente das religiões –, não são nem podem ser outra coisa senão literatura sacra. E existem ainda todas as obras expositivas e narrativas dos místicos e visionários, como Swedenborg, El-Hallaj, Ruysbroeck e outros tanto, as quais, sem constituírem comentários canônicos nem teologia de espécie alguma, são no entanto diretamente ligadas à “única coisa necessária”, às vezes de modo até mesmo mais direto e significativo do que a teologia.

Em terceiro lugar, não estamos propondo que o leitor comece pelo essencial, mas que se esforce para chegar ao essencial. E, para isto, ele tem de partir de onde está, e não de onde deveria idealmente estar. Assim como a humanidade mudou muito – quer dizer, piorou muito – desde os tempos de Adão e Eva, assim também, no curso dos séculos e das civilizações, e através dos eventos e peripécias da sua vida individual, o foco de atenção e de interesse do leitor pode ter ido parar bem longe do essencial. Sobretudo se as pressões da vida, os traumas e os maus conselhos lhe enfiaram realmente na cabeça que o que interessava na vida era tornar-se um bom menino, seja no sentido profissional e especializado, seja no sentido “cultural”. A verdade é esta: temos de pegá-lo onde está, e você pode ter ido parar muito longe.

Se os livros sacros estão lhe dizendo algo de imensuravelmente importante enquanto sua mente vaga por milhões de assuntos que não têm importância nenhuma, ou que só têm uma importância condicional e relativa, isto significa, nada mais, nada menos, que a regra e método da vida intelectual consiste precisamente em reconduzir a atenção ao centro e topo das coisas, e fazê-lo sem descanso, subindo e descendo, indo e voltando, com a paciência do pastor que vai buscar suas ovelhas desgarradas, por mais longe que estejam.

Não há assunto, por mais longínquo, periférico e insignificante que seja, que não tenha algum filete, ainda que infinitamente sutil, a ligá-lo ao coração da realidade.

Na verdade, esse método reflete aquilo que as doutrinas sapienciais dizem sobre o Espírito e a mente. Enquanto o Espírito repousa imóvel e soberano no centro das coisas, a mente se dispersa e erra, em todas as direções, e como coisa viva que é, incessantemente em busca de alguma imagem do Espírito mesmo, que por trágico engano ela assim vai deixando cada vez mais longe às suas costas. Para evitar que ela se perca, o Espírito semeia sinais e caminhos por toda a extensão do cosmos, de modo que ela possa encontrar um jeito de voltar. Estes sinais e caminhos são as doutrinas e os símbolos; e os símbolos – entre os quais se inclui o simbolismo próprio da forma lógica enquanto tal – se distribuem igualmente nas obras de doutrina e no mundo da natureza, de modo que, pelo jogo das imagens mutuamente refletidas, a alma compreenda que é sempre do Espírito que se fala e que é o Espírito quem fala.

A arte de interpretar símbolos – escritos ou naturais – denomina-se hermenêutica. O nem vem de Hermes, entidade celeste grega cuja função consistia precisamente em conduzir as almas através dos infernos, da terra e dos céus, “costurando” assim os diversos planos de realidade e reconstituindo para as almas e perante as almas os laços da unidade espiritual do mundo, que elas haviam perdido na fragmentariedade das suas existências terrestres. Por isto hermes era chamado um deus *psicopompo*, ou “guia das almas”. Na astrologia, o planeta Mercúrio, que não é outra coisa senão uma espécie de cristalização corporal e simbólica dessa função espiritual e cósmica, está tradicionalmente associado à função da fala e do pensamento racional, isto é, da lógica. E a lógica, na verdade, não faz outra coisa senão, pelo jogo das premissas e consequências, reatar incessantemente os laços entre o particular e o geral, entre os entes concretos e sensíveis e as idéias abstratas e gerais, o que é, por sua vez, um equivalente simbólico da união entre o

individual e o universal – entre a alma individual e o espírito universal – que se opera no coração da inteligência.

Assim, à regra da essencialidade do intuito podemos acrescentar uma outra, que é a da elasticidade dos meios e da variedade das direções. Os meios de compreensão que Deus colocou à disposição do homem são tão variadas quanto a profusão das palavras em todos os idiomas e dos seres no universo; cada um destes seres é um símbolo. Quer dizer que há símbolos na linguagem e símbolos nas coisas. A diferença, como diz Santo Tomás de Aquino, é que o homem escreve apenas com palavras, e Deus escreve com palavras e com coisas. Ora, os escritos são coisas feitas pelo homem, que por sua vez é uma coisa escrita por Deus. Deste modo, a interpretação das palavras escritas pelo homem é, em segundo grau, uma interpretação da escrita de Deus.

É neste sentido que a ciência da filologia – hoje reduzida a um corpo de técnicas de utilidade meramente social, isto é, à fabricação de bons meninos no sentido letrado e generalista das coisas – pôde algum dia ter um sentido espiritual e até mesmo sacro. Porque a filologia é o amor e o entendimento dos escritos humanos, e assim uma reverberação mais ou menos direta do amor a Deus. O filólogo medieval Martianus Capella escreveu um livro chamado *De Nuptiis Mercurii et Philologiae* ( ), isto é, “o casamento de Mercúrio, ou Hermes, com a filologia”, isto é, a filologia era a parte feminina – portanto anímica e humana – da função que, no plano espiritual e divino, cabia a Hermes. Hoje em dia dificilmente encontraremos nas universidades algum filólogo que acredite seriamente que, com suas investigações fonológicas e suas técnicas de crítica textual, esteja concorrendo para algo assim como a salvação das almas; no máximo, eles esperam concorrer para o aluno arrumar um emprego na universidade. Por aí se vê o quanto a “cultura”, com todas as suas pretensões de coisa sublime e sacrossanta, que paira acima dos interesses materialistas e terrenos – os quais no entanto lhe consagram polpudas verbas –, se afastou da “única coisa necessária” e se transformou num mero interesse social, tão bem comportado como qualquer outro.